

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Platão dedicou grande parte de sua obra e de seus esforços filosóficos a encontrar uma resposta para a pergunta “o que é x?”. A mera apresentação dessa pergunta, já em seus primeiros escritos, constitui por si própria um mérito filosófico inestimável a ser creditado ao empreendimento socrático-platônico, e também um imenso passo para o estabelecimento da filosofia e da ciência ocidentais.

Ao longo dos diálogos, essa questão foi abordada de maneiras diferentes e a partir de ângulos diversos. Entre os primeiros escritos, parece imperar uma certa vagueza em torno da pergunta fundamental, tanto em relação ao método de se obter uma resposta satisfatória quanto em relação ao próprio objeto investigado. Tal vagueza não deve ser causa de espanto: a pergunta *tí estin*, inteiramente nova, punha uma questão ainda inaudita na história do pensamento humano, e a reação dos interlocutores dos primeiros diálogos dá testemunho do caráter vertiginosamente inesperado da questão.

Nas obras que se seguem às chamadas “socráticas”, Platão volta sua atenção para a discussão da existência ou não daquilo que procurava nos entes: um núcleo ontológico imutável e imaterial. Essa noção é apresentada sob a forma de uma hipótese, uma possibilidade de explicação para o real e de fundamentação para o conhecimento. O filósofo passa então a discursar sobre o modo de ser das *eide*, sobre a sua relação com o mundo, com a *polis* e com aqueles que se propõem a encontrá-las. Deixa de se perguntar a respeito das essências e passa a elaborar uma “essenciologia”. Curiosamente, há ainda uma grande ausência: um método claro e distinto com o qual o amigo das formas possa encontrar a unidade inteligível que faz com que os entes sejam o que são.

É só na última fase de seu pensamento, e sintomaticamente depois que o próprio Platão registrou e assimilou muitas das críticas que se faziam à primeira versão da teoria das formas, que o filósofo apresenta a nova proposta dialética que caracterizaria seus escritos tardios: o método das divisões. A *diairesis* é, ao mesmo tempo, um método de encontrar definições e uma sutil e complexa proposta de descrição da realidade. Sua utilização tem alcance a um só tempo

lógico, ontológico e epistemológico, na medida em que: 1) supõe uma determinada estruturação do real; 2) permite forjar discursos que pretendem descrever acuradamente tal estrutura; e 3) tem o propósito de levar o entendimento humano a compreender tudo o que um determinado ente é. Assim, o método das divisões é simultaneamente a satisfação de uma carência metodológica há muito existente e uma revisão de alguns dos mais fundamentais pontos da cosmovisão dos diálogos da maturidade.

Através de um inventário teórico espalhado por diversos textos, vimos quais são os procedimentos envolvidos na *diairesis*: de um lado, a maneira como Platão pretende encontrar unidade na multiplicidade caótica das noções comuns; de outro, como propõe dividir essa unidade em suas “juntas naturais”. Conforme foi analisado, alguns dos principais procedimentos são apresentados de modo não inteiramente claro, e é preciso recorrer aos muitos exemplos para compreender o verdadeiro intuito do filósofo. Algumas das regras mais comumente associadas ao método – as divisões dicotômicas e a interdição das classificações negativas – não são em momento nenhum explicitamente estabelecidas, e são ambas desobedecidas pelo Estrangeiro, que nos escritos faz as vezes de mestre do método.

Também apresentamos uma hipótese que pretende explicar por que, na última fase da sua obra, Platão considera o método das divisões como *a dialética* por excelência: ele não é apenas um método entre outros, mas uma forma de concatenar todos os métodos até então desenvolvidos pela filosofia socrático-platônica. Ele envolve e articula tanto a refutação metódica do *elenchus* quanto o exame de proposições provisórias das hipóteses, simplesmente pelo expediente de encadear uma série de proposições que, uma a uma, delimitam o “lugar ontológico” do ente investigado. Se “dialética” é o nome dado por Platão a qualquer que seja o procedimento usado para encontrar e expressar as essências, então o método das divisões é de fato a grande proposta dialética apresentada na obra platônica.

Por fim, vimos qual a metafísica implicada pelo método das divisões. As unidades inteligíveis não são puras mônadas incompostas, mas imbricadas tessituras ontológicas que comportam complexas relações entre si. São unidades múltiplas ou multiplicidades unas, se quisermos assim nos expressar. E é exatamente isso o que permite à linguagem humana circunscrever a essência dos entes: as predicções, que são relações entre conceitos, reproduzem as relações de mútuo pertencimento das formas entre si. Cada predicação é um corte delimitador no modo de ser das coisas, na medida em que afirmar que um dado ente *é algo* é também, simultaneamente, afirmar que ele *não é uma infinidade de outros algos*; o que cada divisão faz é interditar pelo menos metade da “região ontológica” em questão; as divisões portanto mais excluem do que incluem; mais estabelecem não-ser do que ser.

E será justamente esse o fundamento último da relação estabelecida por Platão entre linguagem e realidade: o ser limitado dos entes pertencentes a uma mesma espécie encontra perfeita correspondência na forma verbal conhecida como predicação; ou, melhor dizendo, na série encadeada de predicções que delimitam uma definição (que não é senão a expressão lingüística de uma essência particular). A série encadeada de predicções que vai resultar na definição de um ente será um longo processo de exclusões e delimitações que terminará por estabelecer a pequena porção de ser que cabe ao ente. Daí que, para o bom funcionamento das divisões, seja fundamental o estabelecimento de uma consistente teoria da predicação negativa, ou do discurso sobre o não-ser, que, no diálogo *Sofista*, ocupará parte substancial da discussão.

Uma noção especialmente importante no último Platão se assentará nessa visão da linguagem e da realidade estabelecida nos diálogos das divisões. Porque é nessa concepção da relação entre *logos* e mundo que se assenta a tese isomórfica: eles têm um fundo estrutural comum e uma forma semelhante, que permite que ambos corram paralelamente. A fala humana reproduz aspectos do real e portanto é capaz de produzir e comunicar saber. Existe, por fim, algo ainda mais forte nessa concepção: dizer que a linguagem é semelhante à realidade é também dizer, sob outro aspecto, que o real é semelhante à linguagem. O mundo da experiência é inteligível porque é produto de uma inteligência, coisa que ficará especialmente evidenciada no mito do *Timeu*. Oriundo de uma inteligência (a divina), e dirigida a outra inteligência (a humana), a realidade constituiria então

um elo entre inteligências, que é a definição mesma de linguagem. O mundo ganha portanto ares de um discurso divino dirigido aos homens; cada ser limitado é uma série de predicções divinas que nos cabe compreender e traduzir em *logos* humano.